

# Helena Lapas



## Matéria do Tempo

Helena Lapas  
2015

### The Substance of Time

When seven years, or so, ago Helena Lapas exhibited a series of tapestries and three-dimensional drawings at the Ratton Gallery, storms were already gathering on the horizon. Perusing the aligned threads revealed a growing dramatic intensity which would find full expression in a small work from 2011, entitled *Asas de Ícaro*. Its twisted skeletal structure suggested a prosthesis for flight, an extension of the body to overcome human limitations, with no mention of the final outcome...only the extraordinary effort involved. Ladder-like, the twisted shapes hinted at the molecular framework of DNA, the double helix, the hidden, essential genetic code of every living being. This form, or rather this projecting structure over a background, has been reinvented in the series of works on show today. And whilst it is still possible to discern the traces of nature and the organic structure of the botanical world which is a constant in the visual discourse of the artist, this time it is the mark of Man which is at the heart of the matter.

There is a tough, uncompromising element in these images. No bonhomie, no evasion. Just prospection and disquiet, fruit of the dense material of reflection which pervades what has been sedimented visually: a finite horizon, impossible flights, dreams cut short, the heart-rending experience of our restless times (refugees, migrants, emigrants); where loneliness begins, where humanity ends, wars, power struggles between nations, economic blackmail and oppression. All of this is echoed here, darkly, in these visions of fragility, set somewhere between the infinity of time and imminent collapse. Darkness offered itself as the metaphor for this revelation, which coincided with a more complicated period in the artist's personal life.

In the first group of works on this journey of introspection, inner landscapes appear in the form of seemingly unstable, filament-like masks, which protect, camouflage and provoke. The mask, as an object, invariably arises from the disturbing force to which it responds, and in this case the entangled veins recall fencing masks, often tightly fixed, protecting the face from the cut and thrust of the blade. There is no question, however, of hidden identity or anonymity of creation, but rather the opposite; it is a sign of exposure, in excess, to the more aggressive aspects of what has risen to the surface through an awareness of human contradictions.

These works are now, in every sense, objects, as the abandoning of the supporting structure has been foreseeable for some time, firstly in the visual interaction of threads and tissue placed over tissue in tapestry; in the cut-outs and the fragile texture of paper, and later in the three-dimensional drawings. Paper, here, has been turned into a malleable body, a filament, and a device capable of launching the works into a broader and more intrusive dimension, as if they had become *maquettes*, or were demanding alternative ways of seeing. A slow course of maturation is apparent, beginning with the enigmatic morphologies which first appeared in the tapestries executed through the accumulation of materials and embroidered threads, mapping out what appeared to be geographical and sensorial outlines against complex backgrounds. Whilst retaining the memory of the original language of fibre-art, the manipulation of paper has gradually taken on the role of the raw material and the language of experimentation and design. In the same way as textile materials of different origins, qualities, characteristics, textures and colours, are kept in chests in Helena Lapas's studio, now boxes and folders hold sheets of paper chosen because of their characteristics, density, place of origin or the story of their previous use. Other organic elements are also there to be discovered, natural objects, leaves, seeds, all of them incorporated into the surface of the works, corroborating the role of *making* in its meaning.

It could be said that the seed has now germinated and emerged, whilst the background of what was, before, the drawing, has folded back upon itself, become mouldable, precipitating primeval forms. Helena Lapas now confronts the risks of the third dimension in its entirety, through the manipulation of cumulative layers of paper, glue and paint, isolating the background from the background, the form from the form, endowing each piece with its own individuality. In this group of works, the most recent of all in this show, in which the artist explores the new possibilities offered by the materials she uses, the same configurations reappear in the same coherent and persistent language of polymorphic signs - in the singular concave form, the other side of the mask may be discerned; the protective shell of the cranium; or a recipient for memories. But also a plant or a flower, a vessel, wings, a lung.

### Matéria do Tempo

Quando há cerca de sete anos Helena Lapas expôs um conjunto de tapeçarias e desenhos escultóricos na Galeria Ratton anunciavam-se já tempestades no horizonte. Havia, ao percorrer as tramas alinhadas, uma crescente densidade dramática que um pequeno trabalho, a que livremente nos referimos como *Asas de Ícaro*, datado de 2011, viria posteriormente a concentrar. As armações em torção poderiam ser memória de próteses para voo, extensões do humano a procurar vencer resistências sem que houvesse menção a qualquer um desfecho. Apenas constatação de um esforço desmedido. Assemelhavam-se a escadas e simultaneamente pareciam evocar as estruturas moleculares do ADN em dupla hélice, registros do mais secreto e essencial da informação genética constituinte de cada ser. Essa forma, mas sobretudo o modo de construção desse dispositivo em relevo sobre o fundo, foram retomados na série de trabalhos que agora se apresenta. E não deixando de ser possível reencontrar também a evocação da natureza e da organicidade do mundo vegetal habitualmente constante no discurso visual da artista, desta vez, é sobretudo a marca do humano que se quer resgatar.

Há uma circunstância muito dura nestas imagens. Não há bonomia, evasão. Apenas prospeção e desassossego porque é denso o material reflexivo que atravessa o que visualmente se sedimenta: a ideia de finitude de um horizonte, os voos impossíveis, os sonhos interrompidos, as vivências convulsas na contemporaneidade (com refugiados, transumantes, emigrantes), no limiar da solidão, no limiar da humanidade, as guerras, os jogos de poder entre países, as chantagens e resgates econômicos opressivos. Tudo isso ecoa, com negrume, nestas visões de fragilidade, ancoradas entre a perenidade dos tempos e o colapso eminente. A escuridão como metáfora dessa percepção, que coincidiu com um período mais complicado na vida da artista.

Nesta viagem introspectiva, as paisagens mentais erguem-se, num primeiro conjunto de trabalhos, como máscaras filiformes, aparentemente instáveis, que protegem, camuflam, agridem. A máscara como objecto nasce sempre da força perturbadora a que responde e aqui, os veios emaranhados, lembram as redes de malha, mais ou menos apertadas, das máscaras de esgrima que tentam proteger o rosto dos golpes passíveis de serem desferidos pelas lâminas das espadas. Não se trata, por isso, de qualquer ocultação de identidade ou de criação sugerida de anonimato mas exactamente o inverso, a revelação de uma desmedida exposição ao mais agreste do que a consciência das contradições humanas traz à superfície.

Estes são já trabalhos plenamente objectuais, posto que a fuga ao suporte se entrevia há muito, primeiro como pulsão visual de linha e tecido aposto sobre tecido, na tapeçaria, em recorte e textura frágil de papel, depois, nos desenhos de cariz escultórico. O papel torna-se actualmente corpo moldável, filamento, e este dispositivo capaz de catapultar o registo para uma dimensão ampla, mais intrusiva, como se de maquetas ou formas alternativas de visionamento se tratasse. Houve um caminho de maturação lenta dessa morfologia enigmática que primeiro surgiu na tapeçaria a mapear o que pareciam ser recortes geográficos e sensoriais em fundos complexos, trabalhados na acumulação de tecidos e cozeduras. E mantendo-se a memória do trabalho têxtil fundador, o manejo do papel assume-se progressivamente como matéria prima, linguagem de experimentação e desenho. No atelier de Helena Lapas, do mesmo modo que malas guardavam tecidos de diferentes origens, qualidades, texturas, cores, em caixas e pastas passaram a recolher-se folhas de papel, escolhidas pelas suas características, pela sua densidade, pelo lugar de origem e história dos seus usos. Descobrem-se ainda elementos orgânicos, objectos naturais, folhas, sementes, tudo incorporado na superfície da obra, corroborando o modo de fazer no seu significado.

Dir-se-ia que é agora a semente que germina, que se exterioriza, é o próprio fundo do que era antes desenho que se dobra, se torna moldável, e concentra em si as formas primevas. Helena Lapas arrisca a terceira dimensão totalizadora, o manejo do material cumulativo de papéis, cola e tinta que isola o fundo do fundo, a forma da forma, e individualiza cada peça. Neste outro núcleo de trabalhos, o mais recente em toda a mostra, em que a artista explora novas possibilidades dos materiais em que opera, reencontram-se, ainda assim, as mesmas configurações, numa persistência coerente de signos polimorfos: no formato concavo singular, descobre-se o que poderia ser o avesso da máscara, a câmara protectora do crânio, recipiente de memórias. Mas igualmente a planta e a flor, uma intentada embarcação, umas asas, um pulmão.



Elements or activities from Helena Lapas's daily life often find their way into her vocabulary (a visit to a natural history museum, a journey to Brazil, news items), never in a direct way, but metamorphosed by thought, by time, by forgetting. The problems she poses for herself are resolved, judiciously, along a compelling and demanding journey she has undertaken to decipher her own mysteries: "I don't know why I do things like this, but I know what I want to do. But sometimes it is when I am making something, that I know."

In this "making" process, in addition to the masks mentioned before, other object-structures arise. They are created as if they were in decay, an apparently insoluble conundrum. In a small series of small gutted carapaces; semi-opaque, torn or coloured shields; poetic abstraction is built up through successive layers of material, with the irony that real elements can be identified: shells, tents, hearts, wings again, bringing to mind Anselm Kiefer and his macerated surfaces in compacted material.

Helena Lapas's images are made up of layers, superimposed upon each other, and each material which is applied to give form - whether a leaf of paper, a painted brushstroke, sand or glue, until the apparent smoothness of mother of pearl or the softness of decomposing soil is achieved - reveals, in the inverse archaeological process of observation, a dense geology of time-cycles and residual traces. In the almost perfect whiteness of a mineral, black structures emerge, suggesting petrified carbon-laden veins, fossilized memories of other eras. But also shaley landscapes, scars across different surfaces recalling the changing character of the ground due to its chemical and material composition, its localisation or climate, or existing vegetation. A slow passage of time which creates dark forests, leaving deposits and the vestiges of passing species.

There is something unhealthy, wounded, burnt, destroyed, in dissolution, (in addition to revelation) in these works by Helena Lapas. They are not peaceful, nor could they be. They are visceral, gut-wrenching signs of the immense fragility of Man, revisited in the light of another time, slow, sedimented, ongoing, in which the circumstances are registered and diluted. And so it is, that in parallel with the three nuclei into which this exhibition is organised- Masks, Objects and Geologies- there is a fourth factor- Time, which englobes them all, resting upon the notion of a personal and artistic path pursued prospectively between the darkness of in (visible) days and a glimpse of light, to which her work has given form.

Helena Lapas inscreve no seu vocabulário elementos ou actividades do seu quotidiano (a visita a museus de história natural, uma viagem ao Brasil, notícias diversas), nunca de forma directa mas metamorfoseados pelo pensamento, pela acção do tempo, do esquecimento. Os problemas autopropostos vão sendo resolvidos criteriosamente através de um périplo exigente e urgente na descodificação dos seus próprios mistérios: "Não sei porque faço as coisas assim, mas sei o que quero fazer. Mas às vezes, quando estou a fazer é que sei".

Neste fazer surgem, para lá das máscaras referidas, outras estruturas objectuais. São construídas como se se estivessem a desfazer, num paradoxo aparentemente irresolúvel. Numa série de pequenas carapaças vazadas, escudos semi-opacos rasgados ou tintados, a abstracção poética constrói-se por layers matéricos sucessivos com a ironia de se identificarem elementos reais: conchas, tendas, corações. Asas de novo, a trazer à memória Anselm Kiefer e as suas superfícies maceradas em pasta de matéria.

As imagens de Helena Lapas constituem-se por camadas, em sobreposição, e a cada material acrescentado para lhes dar forma - seja folha de papel, pincelada de cor, areia, cola, até atingir a macieza aparente do nacarado ou de um solo em decomposição - revela-se, no processo inverso e arqueológico da observação, uma geologia densa de tempos e sinais. Na quase alvura de um mineral irrompem estruturas negras, veios petrificados, como que carbonizados, memórias fósseis de outros tempos. Mas também paisagens argilosas, rasuras em vários tipos de superfície a lembrar a variabilidade dos solos que se alteram consoante a sua composição química e material, a localização ou o clima, a vegetação existente. Uma lentidão maturada do tempo que constrói, florestas negras, depósitos e vestígios de espécies em transumância.

Há algo de insalubre, magoado, queimado, destruído, em dissolução (para além da revelação) nestas visões de Helena Lapas. Não são registos pacíficos, nem o poderiam ser. São vísceras, entranhas, sinais da imensa fragilidade humana revista à luz de um outro tempo, lento, sedimentado, em devir, em que a circunstância se inscreve e dilui. Assim, a par dos núcleos enunciados organizadores desta mostra - as Máscaras, os Objectos, as Geologies - atravessa-os um quarto, o Tempo, que todos engloba e assenta na ideia de um percurso pessoal e artístico realizado no movimento prospectivo, entre a negritude dos dias (in)visíveis e a claridade entrevista a que o trabalho foi dando forma.

Ana Ruivo

Lisboa, Março 2017



Asas de Ícaro . Técnica mista . 40 x 30cm . 2011



Remains of the day . Técnica mista . 49 x 61cm . 2016



Relicário . Técnica mista . 43,5 x 37cm . 2014



Carapaça II . Técnica mista . 69 x 48cm . 2016

Catálogo da exposição *Matéria do Tempo* de Helena Lapas  
Inaugurada no dia 4 de Maio de 2017 na Galeria Ratton  
Imagem da capa . *Máscara V* . Técnica mista . 57 x 36cm . 2015  
Horário de funcionamento:  
Segunda a Sexta-feira das 10h às 13.30h e 15h às 19.30h

Produção | Production: Ana Viegas e Tiago Montepegado  
Curadora | Curator: Ana Ruivo  
Tradução | Translation: David Evans  
Créditos fotográficos | Phot credits: Paulo Cintra e Laura Castro Caldas  
Agradecimentos | Acknowledgments: Ana Ruivo e David Evans  
Galeria Ratton . © copyright edição 2017  
Rua Academia das Ciências 2 C - 1200-004 Lisboa  
tel. 00351 213460948 | ratton@sapo.pt | www.galeriaratton.blogspot.com  
Tiragem . 250 exemplares